

um

Vi um homem esta manhã

Que não queria morrer;

P. S. STEWART

Imagine que você precisa quebrar o braço de alguém.

Não interessa se é o direito ou o esquerdo. O ponto é que você precisa quebrá-lo, porque se não o fizer... bom, isso não importa também. Vamos dizer que coisas ruins vão acontecer se você não fizer isso.

O que quero perguntar é o seguinte: você quebraria o braço da pessoa rapidinho – tipo crack, oops, desculpe, deixa eu ajudar você com esta tala improvisada – ou prefere fazer aquele serviço completo que dura uns bons oito minutos, aumentando a pressão aos poucos, até que a dor fique rosa e verde e quente e fria e tudo isso junto, o que a torna dolorosamente insuportável?

Exatamente. É claro. O certo a fazer, a *única* coisa a se fazer, é resolver a coisa logo, o mais rápido possível. Quebre o braço, ofereça um conhaque e seja um bom cidadão. Não pode haver nenhuma outra resposta.

A menos que.

A menos que, a menos que, a menos que...

E se você odiasse a pessoa do braço? Quero dizer, se odiasse muito, mas *muito* mesmo.

Isso era algo que eu tinha que considerar agora.

Quando digo agora, quero dizer naquela hora, naquele momento em que eu estava querendo descrever; o momento em câmera lenta, ah, maldita câmera lenta, antes de o meu punho alcançar a parte de trás do meu pescoço e meu úmero esquerdo se quebrar em pelo menos dois, ou muito possivelmente mais, pedaços moloides presos um ao outro.

O BRAÇO DO qual estávamos falando, como pode ver, era o meu. Não é um braço abstrato, filosófico. O osso, a pele, os pelos, a pequena cicatriz branca

no cotovelo, ganha da quina de um armário na Escola Primária de Gateshill – tudo isso pertence a mim. E agora é o momento no qual devo considerar a possibilidade de que o homem atrás de mim, prendendo meu braço e o levantando pelas minhas costas com um cuidado quase sexual, me odeia. Quero dizer, me odeia muito, *muito* mesmo.

Ele está fazendo isso há uma eternidade.

O SOBRENOME DELE era Rayner. Primeiro nome desconhecido. Por mim, na verdade, e por causa disso, presumivelmente, pra você também.

Imagino que alguém, em algum lugar, sabia o primeiro nome dele – deve tê-lo batizado com esse nome, chamado ele para o café da manhã, ensinado como soletrá-lo – e alguém deve tê-lo gritado do outro lado do bar oferecendo uma bebida, ou murmurado durante o sexo, ou escrito no campo de um formulário de seguro de vida. Sei que devem ter feito todas essas coisas. É apenas difícil imaginar, só isso.

Estimo que Rayner era uns dez anos mais velho do que eu. E tudo bem. Nada errado com isso. Tenho relações ótimas e sem braços quebrados com várias pessoas que têm dez anos a mais do que eu. Em geral, pessoas dez anos mais velhas do que eu são admiráveis. Mas Rayner também era uns oito centímetros mais alto do que eu, 30 quilos mais pesado e pelo menos uns oito qualquer-que-seja-a-medida-para-a-violência mais violento. Ele era mais feio do que não sei o quê, com uma cabeça enorme e careca; seu nariz, amassado de lutador, parecia ter sido desenhado na cara dele por alguém usando a mão esquerda, ou talvez até mesmo o pé esquerdo, saía do rosto em um sinuoso e assimétrico triângulo abaixo de sua testa áspera e grossa.

Aliás, benza Deus, que testa! Tijolos, facas, garrafas e argumentos que faziam sentido, cada um a seu tempo, bateram e voltaram naquela massiva superfície frontal, deixando apenas pequenas marcas entre seus poros profundos e espaçadamente gigantes. Acho que eram os poros mais profundos e espaçados que já vi em uma pele humana, por isso me vi pensando no conselho do verde de Dalbeattie, no fim do longo e seco verão de 1976.

Mudando agora para a parte lateral, descobrimos que as orelhas de Rayner foram, há muito tempo, arrancadas com mordidas e depois colocadas de volta, porque a esquerda só podia estar de cabeça para baixo, ou talvez do avesso, ou algo que fizesse você olhar para ela um longo tempo até pensar “ah, é uma orelha”.

E além de tudo isso, se você ainda não entendeu, Rayner usava uma jaqueta de couro preta por cima de uma camiseta preta de gola alta, tipo cacharel.

Mas é claro que você tinha entendido. Rayner podia ter se enrolado em seda brilhante, colocado uma orquídea atrás de cada orelha e, ainda assim, pedestres nervosos dariam dinheiro primeiro e depois iam pensar se deviam algo a ele ou não.

Com tudo que aconteceu, eu não devia dinheiro a ele. Rayner pertencia àquele seletto grupo de pessoas às quais eu não devia nada, e se as coisas tivessem ido um pouco melhor entre nós, eu teria sugerido que seus colegas tivessem um cumprimento especial, que representasse uma sociedade. Um tema dos caminhos que se cruzavam, talvez.

Mas, como disse antes, as coisas não iam bem entre nós dois.

UM INSTRUTOR DE combate de um braço só chamado Cliff (sim, eu sei, ele ensinava combate sem armas e só tinha um braço – muito raramente a vida é assim mesmo) me disse uma vez que a dor é algo que você inflige a você mesmo. Outras pessoas fazem coisas com você – batem, esfaqueiam ou tentam quebrar seu braço –, mas quem produz a dor é você. Portanto, dizia Cliff que tinha passado duas semanas no Japão e que por isso se sentia no direito de descarregar esse tipo de merda em seus alunos – está sempre em seu poder parar a sua própria dor. Cliff foi morto em uma briga de *pub* três meses depois por uma viúva de 55 anos, por isso não terei a chance de dizer a ele que isso não era verdade.

A dor é um evento. Ela acontece com você, e você lida com ela da melhor maneira possível.

A ÚNICA COISA a meu favor era que, até agora, eu não tinha emitido nenhum som.

E quero que entenda que não tinha nada a ver com bravura, eu simplesmente não tinha tido a oportunidade. Até esse momento, Rayner e eu tínhamos nos debatido em paredes e móveis em um másculo e suado silêncio, com um ou outro grunhido para mostrar que ambos ainda estávamos concentrados. Mas agora, apenas alguns segundos antes de eu desmaiar ou do meu osso ceder e se quebrar, era o momento ideal para introduzir um novo elemento. E um som foi tudo o que consegui pensar.

Então, respirei fundo pelo nariz, me endireitei para ficar o mais perto possível do rosto dele, segurei a respiração por um momento e soltei o que os

japoneses lutadores de artes marciais chamam de *kiai* – você provavelmente chamaria de barulho muito alto, e isso seria uma boa descrição – um grito tão cegante, chocante e de uma intensidade do tipo que-porra-de-barulho-alto-foi-esse que eu mesmo fiquei assustado com ele.

Em Rayner, o efeito foi o que eu esperava, porque ele involuntariamente foi um pouco para o lado, soltando aos poucos o meu braço por um vigésimo de segundo. Joguei minha cabeça para trás o mais rápido que pude para acertar a cara dele, sentindo a cartilagem de seu nariz se ajustando ao contorno do meu crânio e um líquido sedoso se espalhando pela minha cabeça, então levantei meu calcanhar e bati no saco dele, arranhando a parte interna de suas coxas antes de alcançar sua impressionante genitália. Quando o vigésimo de segundo acabou, Rayner não estava mais tentando quebrar meu braço, e percebi de repente que eu estava encharcado de suor.

Saí de perto dele dançando na ponta dos pés como um velho cão São Bernardo, procurando por alguma arma.

O local desse campeonato de luta-livre de amadores que teve um *round* de quinze minutos era uma sala de estar pequena e deselegantemente decorada no bairro de Belgravia. O decorador tinha feito um trabalho perfeitamente horrível, como todos os decoradores de interiores em geral fazem, todas às vezes, sem exceções – mas, bem naquela hora, o gosto dele ou dela por *objetos* portáteis e pesados coincidiu com o meu. Escolhi um Buda de 40 centímetros que estava na lareira e o peguei com meu braço bom, descobrindo que as orelhas do gordinho eram perfeitas para uma boa pegada da minha única mão que funcionava bem.

Rayner estava agora ajoelhado e vomitando em um tapete chinês, o que melhorava a falta de cor dele. Escolhi uma boa posição, me preparei e acertei ele com tudo, batendo a parte de baixo do Buda logo atrás da orelha esquerda dele. Ouve um barulho surdo e seco, daqueles que apenas a pele humana faz ao ser atacada, e então ele rolou para o lado.

Não me preocupei em ver se ele ainda estava vivo. Insensível? Talvez, mas a vida é assim.

Limpei um pouco do suor do rosto e fui até o corredor. Tentei ouvir algo, mas, se havia algum som vindo da casa ou da rua, eu nunca teria ouvido, porque meu coração batia como uma britadeira. Ou talvez tivesse mesmo uma britadeira lá fora. Eu estava preocupado demais em respirar grandes quantidades de ar para notar qualquer coisa.

Abri a porta da frente e logo senti uma garoa fria no rosto. Ela se misturou com o suor, se diluindo, diluindo a dor no meu braço, diluindo tudo, por isso fechei os olhos e a deixei cair. Foi uma das melhores coisas que já experi-

mentei. Você pode dizer que a vida que eu levo deve ser bem pobre. Perceba, então, que o contexto é tudo na vida.

Fechei a porta, saí para a calçada e acendi um cigarro. Gradualmente e meio irritado, meu coração foi entrando em seu ritmo normal, e minha respiração o seguiu a distância. A dor em meu braço era terrível, e eu sabia que me acompanharia por dias, ou talvez semanas, mas pelo menos não era no braço da minha mão de fumar.

Voltei para dentro da casa e vi que Rayner estava exatamente onde eu o havia deixado, deitado em uma poça de vômito. Ou ele estava morto, ou seriamente ferido, o que significava no mínimo cinco anos de prisão em qualquer dos casos. Dez, com o tempo sendo aumentado por mau comportamento. E isso, do meu ponto de vista, era muito mau.

Eu já estive na prisão, entende? Apenas três semanas, e era só uma prisão preventiva, mas quando você precisa jogar xadrez duas vezes por dia com um torcedor monossilábico do West Ham que tem a palavra ÓDIO tatuada em uma mão e ÓDIO tatuada na outra também – usando um jogo sem seis peões, as torres e dois bispos –, você começa a agradecer pelas pequenas coisas da vida. Como não estar na prisão.

Estava eu contemplando esse e outros assuntos relacionados e começando a pensar em todos os países tropicais que eu ainda não conhecia quando percebi que um barulho – algo leve, meio rangendo e arranhando – definitivamente não vinha do meu coração batendo. Nem dos meus pulmões ou de qualquer parte do meu corpo, ele vinha de fora, com certeza.

Alguém, ou algo, tentava com muita vontade, mas sem sucesso, descer as escadas em silêncio.

Deixei o Buda onde estava e peguei um acendedor de lareira de alabastro horróroso, seguindo em direção à porta, que por sinal também era horrórosa. “Como alguém pode fazer uma porta horrórosa?”, você poderia perguntar. Bem, dá um certo trabalho, claro, mas pode acreditar no que digo, os decoradores de interiores conseguem fazer algo assim antes de tomar café da manhã.

Tentei segurar a respiração, mas não consegui, então esperei, fazendo um pequeno barulho. Um interruptor acendeu uma luz em algum lugar, e logo depois apagou. Uma porta se abriu, houve uma pausa, nada ali também, e a porta foi fechada. Fique parado. Pense. Tente a sala de estar.

Houve um farfalhar de roupa, um passo leve e então eu estava relaxando o aperto da minha mão em torno do grande isqueiro de alabastro e me recostando na parede com algo parecido com um alívio. Mesmo em meu estado de pavor e dor, tinha certeza absoluta de que o Fleur de Fleurs da Nina Ricci não era o perfume de um lutador.

Ela parou no batente da porta e olhou em volta. A luz estava apagada, mas as cortinas estavam bem abertas e havia muita luz entrando pela janela.

Esperei até o olhar dela recair sobre Rayner, e então tapei a boca dela com minha mão.

PASSAMOS POR TODAS aquelas fases ditadas por Hollywood e pela sociedade. Ela tentou gritar e mordeu a palma da minha mão, e eu falei que só a machucaria se ela gritasse, por isso era melhor que ficasse quieta. Ela gritou e eu a machuquei. Os movimentos básicos de sempre, como falei.

Depois disso tudo, ela estava sentada no horroroso sofá com meio copo do que achei ser conhaque, mas que na verdade era Calvados, enquanto eu ficava em pé ao lado da porta usando minha melhor e mais esperta expressão “Não sou louco, mas sim, muito inteligente”.

Rolei o Rayner de lado para uma posição de recuperação, impedindo que ele engasgasse com o próprio vômito. Ou com o vômito de alguma outra pessoa, se por acaso caísse sobre ele. Ela queria ajudá-lo a se levantar, ver se ele estava bem – e pegar travesseiros, roupas, primeiros socorros, tudo aquilo que faz a pessoa que está de fora se sentir melhor – mas mandei que ficasse onde estava porque já tinha chamado a ambulância, e o melhor era não mexer nele.

Ela tinha começado a tremer um pouquinho. Começou com as mãos, enquanto apertavam o copo, depois subiu até os cotovelos e depois para os ombros, e ficava pior a cada vez que ela olhava para o Rayner. Claro que tremer provavelmente é uma reação bem normal para quem descobre um homem morto e vômito em seu carpete no meio da noite, mas eu não queria que ficasse pior. Enquanto acendia um cigarro no isqueiro de alabastro – e, sim, até a chama era horrorosa –, tentei conseguir o máximo de informações possível antes de o Calvados bater e ela começar a fazer perguntas.

Eu podia ver o rosto dela em três lugares daquela sala: primeiro em um porta-retratos de metal em cima da lareira, usando um Ray-Ban e pendurada em um daqueles teleféricos de esquí. O outro era em uma grande e horrível pintura a óleo, feita por alguém que não devia gostar tanto assim dela, pendurada perto da janela, e por último, e com certeza o melhor deles, no sofá à minha frente.

Ela não devia ter mais do que 19 anos, e tinha ombros quadrados e um longo cabelo marrom que ondulava e se animava enquanto desaparecia por trás de seu pescoço. As bochechas altas e arredondadas diziam que ela era oriental, mas essa impressão desaparecia assim que você via seus olhos, também redondos, grandes e cinzentos. Se é que isso faz sentido. Ela usava um

robe de seda vermelha e um chinelo elegante com um filete dourado na parte dos dedos. Olhei à minha volta e não achei o outro chinelo, talvez ela só tivesse dinheiro para um.

Ela limpou a garganta.

“Quem é ele?”, ela perguntou.

Acho que eu sabia que ela era americana antes que abrisse a boca. Era saudável demais para ser qualquer outra coisa. E como eles conseguem ter dentes assim?

“O nome dele era Rayner”, respondi e percebi que era uma resposta muito fraca, então pensei em acrescentar algo. “Ele era um homem muito perigoso.”

“Perigoso?”

Ela pareceu preocupada com aquilo, e com toda razão. Deve ter passado pela mente dela, ao mesmo tempo em que na minha, que se Rayner era perigoso e eu tinha matado ele, então, hierarquicamente falando, eu era ainda mais perigoso.

“Perigoso”, repeti e a encarei enquanto ela desviava o olhar. Ela parecia estar tremendo menos, o que era bom. Ou talvez os tremores dela tenham ficado sincronizados com os meus, fazendo com que eu percebesse menos.

“Bem, e o que ele estava fazendo aqui?”, ela finalmente perguntou. “O que ele queria?”

“É difícil dizer.” Bem difícil para mim, na verdade. “Talvez ele quisesse dinheiro, ou a prataria...”

“Quer dizer que... ele não te falou?” A voz dela ficou alta de repente. “Você acertou este cara sem saber quem ele era ou o que fazia aqui?”

Apesar do choque, o cérebro dela parecia estar funcionando muito bem.

“Eu o acertei porque ele estava tentando me matar”, respondi. “Eu sou assim.”

Tentei dar um sorriso malicioso, mas vi meu reflexo no espelho acima da lareira e percebi que não tinha funcionado.

“Você é assim”, ela repetiu, demonstrando não gostar de mim. “E quem é você?”

E agora? Eu precisava tomar cuidado ao andar sobre esse gelo tão fino. As coisas poderiam ficar muito piores do que já eram, rapidamente.

Tentei fazer cara de surpreso e até um pouco magoado.

“Está dizendo que não me reconheceu?”

“Não.”

“Ah. Estranho. Fincham. James Fincham.” E estiquei minha mão. Ela não esticou a dela, por isso transformei o movimento em uma desinteressante pincelada no ar.

“É um nome”, ela falou. “Mas não diz quem é você.”

“Sou amigo do seu pai.”

Ela pensou nisso por um instante.

“Amigo do trabalho?”

“Mais ou menos isso.”

“Mais ou menos”, ela repetiu. “Você é James Fincham, é mais ou menos amigo do meu pai e acabou de matar um homem em nossa casa.”

Coloquei minha cabeça de lado e tentei mostrar que o sim, às vezes, é apenas uma palavra bem idiota.

Ela mostrou os dentes de novo.

“E isso é tudo? Esse é o seu CV?”

Reprisei meu sorriso malicioso, mas não funcionou de novo.

“Espere aí”, disse ela.

Então olhou de novo pro Rayner, depois se sentou mais ereta, como se um pensamento tivesse acertado ela.

“Você não ligou pra ninguém, né?”

Pensando bem, considerando as coisas agora, ela devia ter uns 24 anos.

“Quer dizer...” – eu estava com problemas agora.

“Quero dizer...”, ela falou, “não tem nenhuma ambulância vindo pra cá, Jesus Cristo?”

Ela colocou o copo no tapete ao lado de seus pés, ficou em pé e foi até o telefone.

“Olha”, falei, “antes de fazer algo estúpido...”

Comecei a me mover em direção a ela, mas o jeito que girou me fez perceber que ficar parado provavelmente era o melhor plano. Eu não queria ficar tirando pedacinhos do telefone da minha cara nas próximas semanas.

“Fique onde está, senhor James Fincham”, ela sibilou para mim. “Não tem nada de estúpido nisto. Vou chamar uma ambulância e depois vou chamar a polícia. Esse é um procedimento aprovado internacionalmente. Os homens vêm com suas armas e levam você embora. Nada de estúpido mesmo.”

“Olha”, eu disse, “não fui totalmente sincero com você.”

Ela se virou para mim e estreitou seus olhos. Se é que você entende o que quero dizer com isso. Estreitou horizontalmente, não verticalmente. Imagino que eu poderia dizer que ela encurtou seus olhos, mas ninguém diz isso.

Ela estreitou os olhos.

“Mas que diabos você quer dizer com ‘não fui totalmente sincero’? Você só me disse duas coisas. Está dizendo que uma delas é mentira?”

Ela tinha me levado para as cordas, não havia dúvida. Eu estava com problemas. Mas, de outro lado, ela só tinha discado o primeiro número.

“Meu nome é Fincham”, respondi, “e conheço mesmo seu pai.”

“Ah, tá, e que marca de cigarro ele fuma?”

“Dunhill.”

“Ele nunca fumou um cigarro na vida.”

Era possível que ela tivesse quase 30 anos. Ou talvez tivesse 30. Respirei fundo enquanto ela discava o segundo número.

“Tá bom, não conheço ele, mas estou tentando ajudar.”

“Claro. Você veio consertar o chuveiro.”

Talvez 39. Hora de usar o ás na manga.

“Alguém quer matar o seu pai”, falei.

Houve um click leve e pude ouvir alguém, em algum lugar, perguntando o que queríamos. Ela se virou bem devagar para mim, segurando o telefone bem longe da boca.

“O que você disse?”

“Alguém está tentando matar o seu pai”, repeti. “Não sei quem e não sei por quê. Mas estou tentando detê-los. É isso que sou e é isso que estou fazendo aqui.”

Ela olhou para mim longa e duramente. Um relógio fazia seu tique-taque de algum lugar, horrorosamente.

“Este homem”, apontei para Rayner, “tinha algo a ver com isso.”

Pude perceber que ela achou aquilo meio injusto, afinal, o Rayner não estava em posição de me contradizer, por isso suavizei meu tom e olhei em volta ansioso, como se estivesse tão mistificado e assustado quanto ela.

“Não posso dizer se ele veio aqui para matar ou não”, falei, “pois não tivemos muita chance de conversar. Mas é uma possibilidade.” Ela continuou olhando para mim. A telefonista continuava falando “alô” e provavelmente tentando rastrear a chamada.

Ela esperou. Pelo quê eu não sei.

“Ambulância”, ela disse finalmente, ainda olhando para mim, e depois se virou um pouco e passou o endereço. Ela concordou com a cabeça e depois, bem devagar, colocou o fone no gancho e se virou para mim. Foi uma daquelas pausas que você sabe que será longa assim que ela começa, por isso peguei outro cigarro e ofereci o maço a ela.

Ela veio em minha direção, mas depois parou. Ela era mais baixa do que parecia do outro lado da sala. Sorri, e ela pegou um cigarro do maço, mas não acendeu. Apenas ficou brincando com ele e apontou um par de olhos cinzentos em minha direção.

Eu disse *um* par, mas quis dizer o par dela. Ela não pegou um outro par de olhos em uma gaveta e apontou para mim. Ela apontou seus grandes, pálidos,

cinzentos e enormes olhos para mim. O tipo de olhos que pode fazer um homem barbado falar coisas sem sentido. Concentração, homem, pelo amor de Deus.

“Você é um mentiroso”, ela falou.

Não estava brava. Nem assustada. Apenas com aquele jeito de que sabia que eu era um mentiroso.

“Bem, sou sim”, falei, “em geral eu sou mesmo. Mas neste momento, em particular, estou mesmo falando a verdade.”

Ela continuou me encarando, do jeito que eu faço às vezes quando termino de me barbear, mas ela não parecia conseguir mais respostas do que eu. Então ela piscou uma vez, e essa piscada pareceu mudar as coisas de alguma forma. Algo saiu, ou um botão foi desligado, ou no mínimo foi diminuído. Comecei a relaxar.

“Por que alguém iria querer matar o meu pai?”

A voz dela era mais calma agora.

“Sinceramente, eu não sei”, respondi. “Acabei de descobrir que ele não fuma.”

Ela continuou como se nem tivesse me ouvido.

“Me diga uma coisa, senhor Fincham”, ela começou, “como se meteu neste assunto?”

Este era o problema! O grande problema. Ao quadrado.

“Porque ofereceram o serviço para mim primeiro”, falei.

Ela parou de respirar. Quero dizer, de verdade, ela parou mesmo de respirar. E não parecia que tinha planos de recomeçar num futuro próximo.

Continuei, o mais calmo que consegui.

“Alguém me ofereceu muito dinheiro para matar seu pai”, afirmei, enquanto ela franzia a testa como que não acreditando. “Mas eu recusei.”

Eu não devia ter dito aquela última frase. Não mesmo.

A Terceira Lei das Conversações de Newton, se existisse, diria que qualquer declaração implica outra igual, mas de sentido oposto. Falar que não aceitei a oferta levantava a possibilidade de eu talvez ter aceitado a proposta. O que era algo que eu não queria que estivesse no ar naquele momento. Mas ela começou a respirar de novo, então, talvez não tenha percebido.

“Por quê?”

“Por que o quê?”

O olho esquerdo dela tinha uma pequena linha verde que saía da pupila e ia em direção nordeste. Fiquei ali parado, olhando para os olhos dela, mas tentando não olhar, afinal, eu estava com sérios problemas naquela hora. E

em vários sentidos.

“Por que não aceitou?”

“Porque...”, comecei, mas parei, porque tinha de falar a coisa mais certa.

“Sim?”

“Porque eu não mato pessoas.”

Houve uma pausa enquanto ela engolia e digeriria o que eu disse. E então ela deu uma olhada para o corpo de Rayner.

“Eu já te falei, foi ele quem começou”, afirmei.

Ela me encarou por mais 300 anos e depois, ainda girando o cigarro lentamente entre os dedos, andou até o sofá, aparentemente perdida em pensamentos.

“Falando sério”, continuei, tentando tomar conta da situação e de mim mesmo. “Sou uma boa pessoa, dou dinheiro para a Oxfam*, reciclo meus jornais e tudo mais.”

Ela chegou aonde estava o corpo de Rayner e parou.

“E quando tudo isso aconteceu?”

“Bem... agora mesmo”, gaguejei como um idiota.

Ela fechou os olhos por um momento. “Quis dizer: quando ofereceram o serviço a você?”

“Certo”, respondi. “Há dez dias.”

“Onde?”

“Amsterdã.”

“Na Holanda, né?”

Isso foi um alívio. Fez-me sentir bem melhor. É legal ser encarado por gente jovem, de vez em quando. O tempo todo é ruim, mas de vez em quando é bom.

“Isso”, respondi.

“E quem foi que ofereceu o serviço a você?”

“Nunca tinha visto antes e não vi mais depois.”

Ela pegou o copo, tomou um gole do Calvados e fez uma careta com o gosto dele.

“E eu devo acreditar em tudo isso?”

“Bem...”

“Quero dizer, que tal uma ajuda?”, ela falou, começando a levantar a voz novamente. Ela apontou o Rayner com a cabeça. “Temos um cara aqui que não pode corroborar a sua história, acho eu, então, por que devo acreditar em você? Porque é bonitinho?”

* Organização internacional voltada ao combate à pobreza e à defesa das minorias. (N. E.)

Não me aguentei. Devia ter me segurado, sei disso, mas não consegui.

“E por que não?” falei, tentando parecer encantador. “Eu acreditei em tudo que você falou.”

Mas que grande besteira! Grande mesmo. Uma das mais crassas e ridículas observações que fiz em uma vida cheia de observações ridículas.

Ela se virou para mim, e de repente estava muito brava.

“Não me venha falar uma merda dessas agora.”

“O que quis dizer...”, comecei, mas fiquei feliz por ela me cortar, porque realmente não sabia o que eu tinha querido dizer.

“Já disse pra parar com isso. Temos um cara morrendo aqui.”

Concordei com a cabeça, de forma culpada, e nós dois nos viramos para o Rayner e o olhamos de forma respeitosa. E então ela pareceu ter acabado uma coisa e seguido em frente. Seus ombros relaxaram e ela levou o copo em minha direção.

“Meu nome é Sarah”, ela falou. “Veja se consegue uma Coca-Cola para mim.”

ELA ACABOU LIGANDO também para a polícia, e eles apareceram quando as pessoas da ambulância estavam carregando o Rayner, aparentemente ainda respirando, em uma maca. Eles andaram e olharam e pegaram coisas de cima da lareira e examinaram dentro dela, sempre com aquele ar de quem quer estar em qualquer outro lugar.

Policiais, em geral, não gostam de ouvir falar em novos casos. Não porque são preguiçosos, mas porque gostam, como todos nós, de achar um significado ou uma ligação no meio da grande massa de infelicidade na qual têm de trabalhar. Se bem no meio de uma tentativa de prender um adolescente que vem roubando calotas, os policiais são chamados ao local de um assassinato de várias pessoas, eles não conseguirão evitar de procurar embaixo do sofá para ver se há alguma calota lá. Eles querem achar algo que os conecte com o que já viram antes, que trará um sentido no meio do caos. Assim poderiam dizer a si mesmos que isto aconteceu porque aquilo tinha acontecido. Quando não acham o que queriam – acham apenas mais coisas sobre as quais terão que escrever relatório a respeito, depois arquivar, depois perder, depois esse relatório ser achado no fundo da gaveta de alguém, depois ser perdido de novo e no fim ser registrado como caso sem solução –, bem, eles acabam ficando meio desapontados.

E eles ficaram particularmente desapontados com nossa história. Sarah e eu ensaiamos o que achamos ser um cenário razoável e fizemos três apre-

sentenças para os oficiais em ordem de importância, terminando com um espantosamente jovem inspetor que disse se chamar Brock.

Ele se sentou no sofá, olhando de vez em quando para suas unhas, e acenava com a cabeça jovialmente durante a história do intrépido James Fincham, amigo da família que estava no quarto de hóspedes no primeiro andar. Ele ouviu uns barulhos, desceu as escadas para investigar, viu um vilão de jaqueta de couro e camisa preta – nunca o havia visto antes –, lutaram, caíram, oh, meus Deus, ele bateu a cabeça. Sarah Woolf, nascida em 29 de agosto de 1964, ouviu sons de luta, desceu e viu tudo. Bebida, inspetor? Chá? Refrigerante?

Mas é claro que a região ajudou bastante. Se tentássemos a mesma história em um conjunto habitacional lá de Deptford, estaríamos no chiqueirinho da viatura em segundos, pedindo para jovens em forma e com cabelos curtos para que saíssem de cima de nossas cabeças um momento para que pudéssemos nos ajeitar melhor. Mas no arborizado e chique bairro de Belgravia, a polícia sempre estava mais inclinada a acreditar em você. Acho que isso já estava incluído no tanto de imposto que as pessoas de lá pagam.

Depois que assinamos os nossos depoimentos, nos pediram para que não fizéssemos nada estúpido, como sair do país sem avisar a delegacia mais próxima, e nos encorajaram a permanecer por lá qualquer que fosse a situação.

Duas horas depois de tentar quebrar meu braço, tudo que restou do Rayner, cujo primeiro nome ainda era desconhecido, foi o cheiro.

SAÍ DA CASA e senti a dor voltar com tudo quando comecei a andar. Acendi um cigarro e fumei até chegar à esquina, onde virei à esquerda e entrei em uma garagem que já tinha sido um estábulo de cavalos. Apenas um cavalo muito rico conseguiria morar aqui hoje, mas o local mantinha as características de um estábulo, por isso me pareceu certo guardar a moto aqui. Junto de umas madeiras e um monte de feno perto da roda traseira.

A moto estava onde a deixei, o que pode parecer um comentário idiota, mas que não é, nos dias de hoje. Entre os motociclistas, deixar sua máquina em um local escuro por mais de uma hora, mesmo que ela tenha trava e alarme, e achá-la no mesmo lugar quando voltar é algo que gera discussões. Especialmente quando a moto é uma Kawasaki ZZR 1100.

Não vou negar aqui que os japoneses estavam bem sem razão em Pearl Harbor e que as ideias deles de como preparar peixes para servir à mesa são bem pobres – mas, caramba, os caras sabem muito a respeito de como fazer

motocicletas. Aperte o acelerador no talo em qualquer marcha e isso fará seus olhos irem parar na parte de trás da sua cabeça. Tudo bem, sei que essa não é a sensação que a maioria das pessoas quer ter ao escolher o seu meio de transporte, mas, como ganhei minha moto em um jogo de gamão, eu estava aproveitando bastante. Era preta, grande e permitia que mesmo um motorista razoável pudesse visitar outras galáxias.

Liguei o motor, acelerei o suficiente para acordar alguns gorduchos do mercado financeiro que moravam em Belgravia e fui embora por Notting Hill. Eu tinha de ir devagar por causa da chuva, e isso me deu muito tempo para refletir a respeito dos acontecimentos da noite.

A única coisa que não saía da minha cabeça enquanto conduzia a moto pelas ruas escorregadias e amareladas pela iluminação era Sarah me dizendo pra parar de falar merda. E que a razão para que eu parasse com aquilo era que havia um homem morrendo na sala.

Era uma Conversação Newtoniana, pensei comigo mesmo. A implicação daquilo era a de que eu poderia continuar falando merda se não houvesse um homem morrendo na sala.

Aquilo me animou. Comecei a pensar que, se eu não conseguisse fazer com que um dia nós dois ficássemos juntos em uma sala sem um homem morrendo nela, meu nome não era James Fincham.

Que, é claro, não era mesmo.